

Carta aos companheiros da CPPE,

Prezados,

Inicialmente pensei em escrever um relatório sobre minha breve estada como articuladora da CPPE. Depois li e vi que tínhamos no blog tudo que vivemos e fizemos bem detalhado. Em função disto, resolvi escrever uma carta expressando minha opinião sobre o que vi e me despedindo de vocês.

Durante o período de julho a outubro de 2010, em que estive à frente da CPPE, identifiquei 04 conjuntos de problemas e 01 desafio. Para descrever o que vi, vou utilizar figuras de imagem de dois filmes: (1) a comédia romântica inglesa "04 Casamentos e 01 Funeral"; (2) o filme brasileiro "Tropa de Elite 2- O inimigo é outro".

Casamento 1- O problema de rearticular a CPPE.

A reconstrução da CPPE, em minha opinião, foi uma estratégia de diálogo com a política institucional com base em algo consolidado na organização política institucional para superar as constantes desconsiderações e desrespeitos aos servidores que desenvolviam atividades de ensino e pesquisa. Consigo enxergar que esta situação se inicia com a criação de nosso blog e ações da ASFOC local e nacional.

As insatisfações do corpo de servidores e colaboradores envolvidos com ações de ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, antes, durante e depois da inauguração do prédio da FIOCRUZ na UnB, juntamente ao tratamento inicial oferecido pela direção da DIREB expressado em reuniões públicas, referido com a anuência da presidência da FIOCRUZ, de recomendar a busca de outras instituições e unidades da FIOCRUZ para pesquisadores e professores da DIREB trabalharem, foi o caldo de cultura que nos uniu. Bem, tentamos casar, meio na marra com noiva e noivo inseguros, com acordo pré-nupciais e seguro contra divórcios. Mas enfrentamos. Começamos pela reunião fora do prédio da FIOCRUZ na 510 Norte e tentamos estabelecer estratégias de como lidar com a surpresa da forma e do desdém da direção da DIREB sobre a decisão institucional dos rumos da DIREB. A posição confortável da direção em aguardar as decisões futuras somente foi confortável, porque o diretor não é dos quadros da FIOCRUZ e desconhece a prática democrática e participativa desta instituição centenária. Eu tive em vários momentos dúvidas se o Presidente da FIOCRUZ eleito compartilhava desta tática. Lembrei muito do "Massacre de Manguinhos". Ainda estou na comédia romântica! Mas poderia pular agora para o Tropa de Elite 2. Nem o Capitão Nascimento e seus Caveiras fariam tamanha façanha! Mas faltam ainda 03 casamentos!

Este casamento nasceu com data marcada para o divórcio. Existem problemas na concepção da CPPE, que foi proposta para atender interesses de um pesquisador que não está por enquanto conosco. No momento de construção da proposta, de positivo, com a participação democrática de servidores e colaboradores da DIREB como dever de casa do planejamento institucional, sua constituição não foi priorizada e os gestores subseqüentes a sua publicação não desenvolveram estratégias para sua consolidação. Portanto, foi um resgate de algo que tenho dúvidas, sinceramente, se nos garantiu identidade.

Casamento 2- O problema de identidade da CPPE

Com um noivo e uma noiva se conhecendo e desconfiando mutuamente de tudo e todos, fica difícil encontrar uma identidade. Passaram-se 04 anos após a primeira publicação da estrutura organizacional da DIREB com a inclusão da CPPE. Não conseguimos discutir e reconstruir nada nestes últimos anos. As razões descritas no relatório da Dra. Fabiola Aguiar Nunes são claras e poderiam dar pistas das contradições da política institucional da FIOCRUZ em relação à DIREB. Bem, esta situação, pelo distanciamento e ausência de discussão, fortaleceu a falta de identidade do CPPE. Assim, nossa primeira tentativa foi buscar construir esta identidade. Em minha opinião, pedindo ajuda à visão woodaliana da psicanálise, noivo e noiva contrataram um analista para rediscutir a relação. Reconhecemos isto e fomos desenvolver oficinas que denominamos a “reconstrução da CPPE”. Em alguns momentos, via mais a desconstrução, talvez necessária para a construção. Cabe lembrar que para chegar a esta decisão, passamos por trilhas inimagináveis. Como: insegurança de decisões da gestão institucional; confusão de informações; maledicências sobre nossa auto-estima como pesquisadores e servidores da FIOCRUZ. Era um turbilhão de questões, em que apelos veementes de ajuda à presidência da FIOCRUZ e a ASFOC-Nacional foram solicitados. Confesso que o socorro... De novo pensei no Caveirão da Tropa de Elite! Desculpem, vou continuar no casamento! Retomo a ajuda. A participação da ASFOC-Nacional e do Pedro Barbosa, em minha opinião, acalmou. Neste alento, lembramos que estávamos na nossa querida FIOCRUZ, e continuamos. Fomos para o divã (não é o filme) e fizemos 04 oficinas. Conseguimos encontrar razões de nosso encontro, como tentativa de apoiar as estratégias de redirecionamento da DIREB que o Pedro Barbosa coordenava. Tínhamos claro em nosso pacto que este era o nosso momento. Precisávamos discutir nossa identidade e assim fizemos. A direção da DIREB surpreendentemente nos apóia com a contratação de um técnico do Ministério da Saúde e finalizamos com participação de todos os pesquisadores e colaboradores da DIREB, que durante este período trouxeram sua contribuição. Houve mais qualidade do que quantidade da participação. Conseguimos demonstrar que o casamento tinha chances de superar sua crise. Temos a memória de nossas discussões e deliberações no blog.

Bem, como é um casamento problemático, chegamos ao final destas oficinas sem ter “casa”. Não é pouco ter problemas com a identidade. Agora que começamos a ver alguma possibilidade de dar certo, não temos um local de celebrar o casamento: quem casa quer casa.

Casamento 3 – O problema de reconhecimento além da gestão na DIREB

No relatório das oficinas, verificamos mais consensos do que dissenso. Na discussão, a visão que o problema identificado na DIREB é político foi trazido e refletido por vários colegas, com destaque para Clarice Melamed. Estou de acordo. Embora tenhamos discutido nossa missão e a visão de futuro, ainda somos solitários, em busca de reconhecimento da instituição. Há uma invisibilidade atual dos projetos técnico-científicos desenvolvidos na DIREB que se expressa de forma contraditória entre os gestores da política institucional. Em Brasília, há logística (prédio e salas); 08 doutores com recursos captados de agências nacionais e internacionais para desenvolver pesquisa e ensino e temos a sensação que somos oportunistas e não legitimados para coordenar projetos pela instituição. Cabe ressaltar que a maioria dos pesquisadores lotados na DIREB tem acima de 15 anos de serviços à FIOCRUZ. A nódoa de que estamos na Capital do país, e que temos campo privilegiado de acesso, o que nos qualifica como agente suspeito na selva de disputa de recursos, é, no mínimo, um desrespeito aos servidores e aos próprios gestores da instituição, que assinam estes convênios. Outro aspecto é a situação que boa parte dos servidores que estão em Brasília veio de outras unidades da FIOCRUZ do país, para assumir cargos em comissão; acompanhar familiares e consideraram que poderiam prestar serviços à FIOCRUZ e não a outras instituições públicas, e por isto são castigados. Será

que a ENSP, quando recebe algum servidor da FIOCRUZ que vem de outras unidades, os castiga, demonstrando menos valia e desprezo quando eles se oferecem a trabalhar?

Portanto, na visão woodaliana, passamos pela rediscussão da relação deste casamento e reconhecemos o não reconhecimento do casamento. Existe noivo e noiva; a vontade de casar; mas não existem condições institucionais para este casamento se consumar. Sempre chegamos ao final das discussões com a frustração que o que existe formalmente é a gestão e a administração para desempenhar a representação institucional da FIOCRUZ em Brasília.

Na cabana, na chuva e na fazenda, que me perdoe o Hildo (compositor de música) não dá para continuar. Quem sabe nos resta um outro filme: táticas e estilo do MST de ocupação de terras improdutivas!

Casamento 4- O problema- o futuro da FIOCRUZ em Brasília

A inauguração do prédio da FIOCRUZ na UnB tem suscitado diversas indagações sobre o futuro da FIOCRUZ em Brasília. Na política interna da instituição, podemos dizer no modo subjuntivo de futuro que as indefinições são a marca indelével da discussão. Quem vive em Brasília com parcerias com órgãos do governo e fundamentalmente com setores da UnB demonstra expectativas de poder estar próximo desta grande FIOCRUZ! Instituição centenária de saúde pública que é protagonista dos grandes eventos de saúde no Brasil. Aqui aprendemos que um aluno, um participante de qualquer evento realizado em Brasília não indaga de qual unidade somos. Para estas pessoas, TODOS SOMOS FIOCRUZ! Eu, sinceramente, não entendo esta distinção, representada pelos projetos que coordenamos e desenvolvemos; da gerência de atividades técnica, acadêmica e financeira. As conseqüências do que vivemos é marcada pelo seqüestro de nossa produção intelectual para outras unidades. Pensamos cursos e atividades que não podem ser desenvolvidos aqui. Temos que passar por situações constrangedoras de ter contato com pessoas nacionais e internacionais que têm acesso a nosso curriculum lattes e não podemos estabelecer contatos porque não podemos coordenar cursos e pesquisas. Temos que assistir a colegas nossos serem impedidos de administrar recursos financeiros de projetos, aplicados a agencias financiadoras por sua expertise institucional. Mas aqui, quando o recurso financeiro chega, o pesquisador não pode mais administrá-lo. Fato que ocorre somente aqui em Brasília.

Com um prédio construído, infelizmente com problemas de energia elétrica e internet, com salas e condições de alta qualidade, me indago por que não aceitar nossa colaboração voluntária? Creio que há em Brasília visão equivocada sobre a gestão gerencial e administrativa, ações meio têm que ter sua correspondência com ações finalísticas. Portanto, que ações a FIOCRUZ faria sem ser técnico-científica e acadêmica? Em Brasília seria diferente por quê?

A discussão de ser uma unidade técnico-científica tem que ser amadurecida, semeada de forma responsável e ampla. Não é possível, para nós que estamos aqui, responder àqueles que nos indagam, porque os gestores da instituição têm dúvidas sobre esta questão. O modelo organizacional tem que ser discutido. Mesmo que a decisão seja para este prédio virar um "centro de convenções", como nos mais luxuosos hotéis de Brasília. Cabe, de fato, talvez apelando para a lei de proteção aos animais (talvez aqui o filme dos Dálmatas) que a política institucional institua mecanismos democráticos para que QUEM ESTÁ NA DIREB participe deste processo e fundamentalmente que aqueles que coordenem este processo saibam que a instituição tem valores democráticos e participação social. E que isto não pode nos caracterizar de malucos, rebeldes e ingovernáveis!

Assim, neste último casamento, vejo que nos unimos em prol de expressar que podemos e vamos buscar contribuir para criar em Brasília a expressão que a FIOCRUZ tem no RJ e no Brasil. Queremos contribuir! Quero participar! Podemos fazer! Para isto precisamos nos irmanar com todas as unidades da FIOCRUZ, que não distinguimos, porque talvez, residindo na capital do país, seja difícil para nós. Acho que são necessárias medidas de ocupação da

presidência e das vices-presidências de forma contínua, cotidiana e resistente. Acho que a proximidade ajudaria a lidar com estes problemas. Para isto é necessário superar a morte e o luto de práticas equivocadas determinadas pela indefinição institucional na DIREB.

Funeral- o fim e o recomeço de ciclo

Quando cheguei ao final da leitura do relatório executivo das oficinas, observei que chegamos ao final de um ciclo de tentativas e erros de buscar o reconhecimento institucional. Não fomos bem sucedidos, e, desgraçadamente, deturpados como oportunistas. Embora formalmente exista uma janela aberta de discussão sobre os rumos da DIREB, existe também o silêncio obsequioso dos setores da gestão institucional sobre as ações técnico-científicas e acadêmicas desenvolvidas pelos pesquisadores e colaboradores da DIREB.

Ao ler o parecer de colegas da CPPE sobre a nova terceirização, em que a maioria dos postos é de nível médio, sem clareza das funções e atribuições, e fundamentalmente, do projeto institucional, reconheço que temos grandes problemas a enfrentar. Na ausência de definições mais robustas sobre a missão institucional, podemos ser vitimados por decisões equivocadas na condução das ações realizadas em Brasília.

Sou otimista e vejo que podemos iniciar um novo ciclo, em que a garantia de participação democrática nas decisões institucionais deve ser a marca deste novo ciclo. Para isto é importante que aqueles que liderem este processo conheçam a FIOCRUZ e se coloquem como participantes e não interventores.

O desafio – “ o inimigo é outro”

Depois destes 04 casamentos e 01 funeral, aprendi que os problemas que a DIREB enfrentou nestes últimos 08 anos foram atribuídos àqueles que vislumbraram a possibilidade de criar uma instância em Brasília que representasse a FIOCRUZ que conhecemos. Acho que todos aqueles que viram além da gestão administrativa tentaram contribuir para compartilhar de forma solidária a expertise acumulada desta instituição centenária para o país. Estar na capital pode ser uma fortaleza e uma fraqueza, como em qualquer lugar do país. O know how do “caveirão e os caveiras” do Tropa de Elite é exportado para outros lugares e não consegue resolver o cerne da questão do crime, porque o inimigo é outro. Os caras da favela; a milícia; os políticos fazem parte do sistema. Estes são os inimigos, em minha opinião. Neste sentido, não somos nós, pesquisadores e colaboradores lotados na DIREB, que devem ser considerados os inimigos da política institucional da FIOCRUZ. O inimigo é a contínua e permanente indefinição dos rumos não da DIREB somente; mas do que será a FIOCRUZ em Brasília. Assim, finalizo agradecendo o apoio recebido, principalmente porque aceitei liderar este processo sem uma discussão com todos; em meio a uma vontade de contribuir. Não me arrependi do que fiz, mas reconheço que precisamos eleger nosso representante. Torço para que estejamos no caminho certo!

Forte Abraço e todos e todas!

Paris, 07 de novembro de 2010